

**UM ESTUDO SOBRE A REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE SERTANEJA
NA FESTA DO VAQUEIRO NA CIDADE DE CURAÇÁ-BA¹**

Vanessa Luz²
Irenilda Silva³

Resumo: O trabalho acadêmico com narrativas orais, em conjunto com outras fontes, tem possibilitado a compreensão do social e suas transformações no processo de formação identitária (HALL, 2013) e às ressignificações por quais elas passam ao longo da história. Objetivando reconhecer cadeias de aproximação e apropriação de identidades entre os vaqueiros e a cidade de Curaçá-BA, denominada “Capital dos Vaqueiros”, a partir das descrições do nordestino presente na obra “Os Sertões” (CUNHA, 1995), buscaremos averiguar, através da oralidade (BOSI, 1994) desses vaqueiros, a legitimação ou não do homem sertanejo frente as configurações da Festa do Vaqueiros na referida cidade.

Palavras-chave: Festa dos Vaqueiros, vaqueiros, identidade, espetacularização.

Introdução

Um dos conceitos clássicos de representações sociais é o formulado por Denise Jodelet (1991), que defende inicialmente que a representação advém do conhecimento do senso-comum, correspondendo às seguintes dimensões:

“1. Socialmente elaborado e partilhado; 2. Tem uma orientação prática de organização, de domínio do meio (material, social, ideal) e de orientação de condutas e da comunicação; 3. Participa do estabelecimento de uma visão de realidade comum a um dado conjunto social (grupo, classe, etc.) ou cultural” (JODELET apud SANTOS; ALMEIDA, 2005, p. 120).

¹ Trabalho realizado sob a orientação da Professora Doutora em Multimeios Carla Conceição da Silva Paiva

² Estudante de Graduação 7º período do Curso de Jornalismo da UNEB e bolsista Fapesb do projeto de pesquisa Signos de Nordestinidade: análise da representação da identidade do vaqueiro no cinema brasileiro no período de 1960 a 1990. Email: mr.vanessaluz@gmail.com.

³ Estudante de Graduação 7º período do Curso de Jornalismo da UNEB e voluntária da Fapesb do projeto de pesquisa Signos de Nordestinidade: análise da representação da identidade do vaqueiro no cinema brasileiro no período de 1960 a 1990. Email: irenildam.silva03@gmail.com

Para a teoria cultural contemporânea, a identidade e a diferença estão intrinsecamente ligadas aos princípios de representação. A identidade é socialmente atribuída e formada culturalmente. “A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos” (SILVA, 2000, p. 17). Tais sistemas simbólicos têm o papel de tornar possível àquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. Por conseguinte, em determinado tempo, identidades podem ser construídas e podemos tomar posse ou reconstruí-las a nosso favor.

A identidade, como fonte de significados e características, é tão inerente aos grupos sociais e tão importantes quanto a forma de reconhecimento dos próprios indivíduos que constituem o grupo, além de promover a diferenciação com relação aos outros. A partir dessa diferença, nascem os sentimentos responsáveis pela manutenção da identidade, visto que a percepção de pertencimento passa a obedecer à lógica da necessidade de estar contido num sistema, cujos círculos enquadram as características individuais e que, por isso, pode consequentemente agregar esses indivíduos para a formação das identidades coletivas.

Elas nascem do que Hall (*apud* SILVA, 2000) chama de “narrativização do eu”, processo no qual está envolvido certo tom ficcional, o que não implica em um desmerecimento do discurso material/político. Além disso, elas emergem do interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto de marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente construída.

Nesse contexto, as representações e as identidades culturais construídas em torno do vaqueiro estão a todo o momento sendo reproduzidas na literatura, música ou no cinema, apresentando, no entanto, uma continuidade enquanto signo de nordestinidade, normalmente, ancoradas nas ideias de Euclides da Cunha, presente em *Os Sertões* (1995). Isso porque o vaqueiro aparece entre as várias "identidades-tipo" erigidas a

partir daquilo que Euclides considerava as raízes mais autênticas de uma cultura e de uma nacionalidade brasileira/nordestina.

Fez-se forte, esperto, resignado e prático.

Aprestou-se, cedo, para a luta.

O seu aspecto recorda, vagamente, à primeira vista, o de guerreiro antigo exausto da refrega. As vestes são uma armadura. Envolto no gibão de couro curtido, de bode ou de vaqueta; apertado no colete também de couro; calçando as perneiras, de couro curtido ainda, muito justas, cosidas às pernas e subindo até as virilhas, articuladas em joelheiras de sola; e resguardados os pés e as mãos pelas luvas e guarda-pés de pele de veado — é como a forma grosseira de um campeador medieval desgarrado em nosso tempo (CUNHA, 1995, p. 83).

As festas populares são uma importante manifestação cultural que podem se originar a partir de um evento sagrado, social, econômico ou mesmo político e que constantemente sofrem processos de ressignificações. Segundo o autor Paul Claval (CLAVAL 1999 *apud* CASTRO, 2010), a cultura, como herança transmitida, pode ter sua origem em um passado longínquo, porém não se constitui em um sistema fechado, imutável de técnicas e comportamentos. Assim como as identidades, a cultura consiste em um sistema aberto que possibilita ao pesquisador compreender o dinamismo de algumas práticas culturais, que preservam elementos de suas origens, ao mesmo tempo que passam por reinvenções e são reestruturadas.

Um dessas ações diz respeito, a uma ‘espetacularização’ das formas culturais tradicionais, que são realocadas dos seus circuitos comunitários para o regional, estadual ou nacional. Esse processo de ‘espetacularização’ é típico da sociedade de massa, um evento, em geral de caráter ritual ou artístico, criado para atender a uma necessidade expressiva específica de um grupo e preservado e transmitido através de um circuito próprio, é convertido em espetáculo para consumo de outro grupo, que não tem vínculos com a comunidade de origem (CUNHA, 1982 *apud* CARVALHO, 2010, p. 47).

A Festa do Vaqueiro de Curaçá-BA

“O sertanejo é, antes de tudo, um forte”, é assim que Cunha (1995, p. 81) descreve inicialmente as tradições dos vaqueiros, seus trajes, a pega de boi, o folclore, a influência das secas, sua religiosidade mestiça e hombridade. Homens indolentes até o momento em que precisam campear, quando tornam-se audaciosos, cheios de coragem e agilidade.

O autor curaçaense, Esmeraldo Lopes, em seu livro “Opara” (1999), descreve esse profissional como:

Homem de olho vivo, firme, desconfiado; corpo duro, ligeiro, esbelto e forte, seguro, aprumado; ouvido bom de escutar, que sabe saber de quem é o chocalho e conhece o barulho de qualquer bicho e coisa do mato. Homem que não erra o rumo do lugar certo e sabe como proceder em qualquer situação encontrada. Sabe ler as coisas no chão, nos paus, nos bichos. Conhece os sinais do tempo, pelo jeito que eles têm. Pode ser branco, preto, acaboclado, baixo, alto, não importa o tom de voz, nem se cuida só do que é seu ou se trabalha por partilha (...) [LOPES, 1999, p.46].

Nessas palavras, percebe-se o vaqueiro na sua lida e como vive resistindo a toda intempérie que se apresente no seu cotidiano. Mesmo com respeito ao seu relacionamento com as mudanças culturais ao longo dos tempos ou ainda na regulamentação da profissão conforme lei nº 12.870, de 15 de outubro de 2013. Dessa maneira fomos levadas até a Curaçá na Bahia, as fazendas, sítios e principalmente a seus personagens que ainda persistem como vaqueiros por vocação ou por teimosia em dar continuidade ao ofício de gerações.

A cidade de Curaçá (BA), localizada a 100Km da cidade Juazeiro (BA), é conhecida, dentre outros fatores, por suas manifestações culturais que ocorrem durante todo o ano, a Marujada, o Reisado, as Rodas de São Gonçalo. Eventos esses que fazem parte da história da cidade e de seu povo. A Festa dos Vaqueiros, tradição na cidade há mais de 60 anos, é atualmente o festejo que mais atrai pessoas para a cidade.

A festa teve início com a comemoração do centenário da cidade em 1953:

Convidaram os vaqueiros para fazerem apresentação. O povo gostou, os vaqueiros gostaram. E aí no outro ano, e mais ano e

todo ano. A vaqueirama toda pronta, completa nos couros: chapéu, gibão, perneira, peitoral, sapato de couro, garupeira, guiada, corda, serrote, facão, faca, alforje, machadinho, flêmo, frasco de mercúrio, tabaqueiro de torrado, copo de chifre, buzo, jogo de peias, chocalho, mochila para milho. Cavalos no completo dos arreios. Os organizadores na vistoria. Se tivesse um sem os aprontamentos de vaqueiro, era botado fora. De manhã a missa, depois o desfile pelas ruas, com os vaqueiros aboiando (LOPES, 2000, p. 51).

Não pretendemos aprofundar-nos em dados históricos, mas apresentar dados que remontam às raízes curaçaenses como “Capital dos Vaqueiros”, por necessidade de compreensão da raiz deste sujeito, visto ser a identidade um processo de construção simbólica instável, que se modifica no âmbito das relações individuais e grupais que organizam e reorganizam seus sentidos em função de contexto e circunstâncias, daí nascem ou não, os sentimentos de pertencimento (HALL, 2013).

Atualmente a Festa do Vaqueiro acontece sempre no primeiro final de semana de julho. Já na sexta a cidade se enche de pessoas, vindas de várias regiões. Na avenida principal o trânsito é proibido, assim também como cavalos, os únicos que tem passagem livre são os paredões tocando todos os tipos de músicas, na sua maioria eletrônica.

A noite acontecem os shows artísticos em espaço fechado com cobrança de ingresso explorado pela prefeitura municipal. Os vaqueiros não podem entrar encourados, além de não ser nem sempre bandas de forró. A missa ainda acontece na manhã do domingo, seguido pelo desfile na avenida principal da cidade, os vaqueiros legítimos poucos compõem a fila dupla, mas sim muitos cavaleiros encourados, muitos turistas com vestimenta que nem faz parte da identidade dos vaqueiros da cidade. A vaqueirama nem sempre é privilegiada por sair da lida e festejar na cidade (LOPES, 2000).

Apesar da cidade ter 10 mil habitantes, em média, encontramos poucos vaqueiros de ofício durante os dias de festividade, visto que na sua maioria são homens, mulheres e crianças que somente montam a cavalo vestidos com os trajes de couro.

A Festa dos Vaqueiros se transformou em um megaevento diretamente relacionado à cooptação política do evento para a construção de uma suposta imagem-síntese da cidade a partir da ingerência das municipalidades, visto que, em 2015, o pórtico da cidade “Curaçá, unidade na diversidade” foi modificado para “Curaçá Capital do Vaqueiro”. Na festa em seus moldes tradicionais, não existia uma preocupação de criar uma imagem-marca da cidade. Inegavelmente, a festa passa a representar além de um bom negócio para empresários e comerciantes do ponto de vista econômico e um momento de forte apelo imagético e midiático na dimensão política de Curaçá.

Nesta perspectiva, os testemunhos de vaqueiros Curaçaenses, falam de uma profissão passada de geração para geração. Do trabalho diário com o gado, da dificuldade nos períodos de seca. O vaqueiro sempre representado com uma postura heroica, forte, bravo e que sabe contornar situações difíceis na vida e na sua lida diária. A partir das subjetividades presentes nos relatos percebe-se similaridades entre a imagem do vaqueiro e o discurso literário de Euclides da Cunha (1995), que contribuiu para a construção da ideia de um sertanejo de inquestionável coragem, bravo, honrado.

Com as mudanças culturais ao longo dos anos, passaram a surgir entre os vaqueiros, crises identitárias. Ainda que algumas formas de representação ainda persistam, reforçando o símbolo do que é ser vaqueiro, alguns deles já não se reconhecem mais naquilo que um dia surgiu como forma de homenageá-lo, tornando-o monumento *mor* da maior festa da cidade, a Festa dos Vaqueiros.

A festa tem perdido sua espontaneidade, autenticidade e movimento. Como afirma o vaqueiro Cristiano: “A festa é para o turista, é só ver a avenida principal, toda acorrentada, o vaqueiro só anda no parque, enquanto o turista fica no centro da cidade. Mas se a festa é do vaqueiro e para o vaqueiro tem que o vaqueiro poder andar em todo canto. Eu mesmo há cinco anos que digo ‘se minha alma tiver vergonha eu não levo meu cavalo mais em Curaçá’. Quando era na corda, era só chegar puxar a faca da perneira e cortar, passava e ia embora, agora você fica só por fora, na poeira. Quem fica por fora é cachorro, lugar de vaqueiro é no meio da sociedade, só porque é vaqueiro não pode estar lá no meio, tem que tá fora? ” (Cristiano, 42 anos).

XII ENECULT

ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA

“A festa vem assumindo um papel importante em algumas cidades, sobretudo nas últimas décadas em que vem se impondo a necessidade de uma diferenciação no mercado de cidades”. Isso quer dizer que a festa tem se tornado um elemento crucial para a atualização da identidade local e isso se torna uma forma de preservação em face às transformações aceleradas que ocorrem na sociedade contextualizadas pelo processo da globalização. Devido a isso, muitas festas estão modificando suas principais estruturas, como a forma de entreter-se ao mundo que está acompanhando outros processos, sendo um deles o capital, porém torna-se, modificadas e a preservação da festa muitas vezes é comprometida (BEZERRA, 2008 apud ALEIXO; CUNHA, 2015).

A medida que a festa dos vaqueiros passou a ser espetacularizada, ela passou a atrair um maior público que não possuem o sentimento de pertença com a manifestação, inclinando-se a enxergá-la apenas como produto a ser consumido. Os meios de comunicação também atuam na espetacularização da festa, visto que as notícias veiculadas se propagam e atingem boa parte da população, as mensagens difundidas tratam o evento como forma de lazer e recreação.

“Hoje trazem bandas que não agradam os vaqueiros, no tempo do forró da Espora, eles iam dançar encourados, mas hoje ele não é reconhecido, se ele for entrar de couro lá na festa ele nem chega perto da entrada. Hoje nem o cartaz trás o vaqueiro, em destaque estão às bandas” (Terezinha Ferreira de Varjão, 53 anos, filha, neta de vaqueiros e esposa de Manuel Vaqueiro).



(Cartaz da Festa dos Vaqueiros 2014)



(Cartaz da Festa dos Vaqueiros 2015)

Considerações finais

O ofício do vaqueiro é uma das profissões mais antigas em desenvolvimento no Brasil. É mais que uma ocupação, é, sobretudo, um modo de vida com usos e costumes próprios de uma tradição secular. Através das falas de alguns vaqueiros, percebe-se que a identidade dos vaqueiros está muito associada as práticas que conferiram a esses homens uma identidade psico-sociocultural de inquestionável coragem e força para lutar contra as adversidades de uma natureza “hostil”; homens que sempre campeiam montados em cavalos, trajando sua “armadura de couro” (CUNHA, 1995).

É a partir do encontro do tempo presente no discurso dos mais velhos com os mais novos que nos permite reflexões sobre os aspectos contemporâneos acerca do ofício do vaqueiro, muitas vezes pouco conhecido por aqueles que se vestem como eles apenas durante os três dias da Festa dos Vaqueiros de Curaçá, a qual muitos vaqueiros não se veem mais representados.

Observamos que o amor pelo ofício não desapareceu em meio a esse contexto marcado por secas cada vez mais severas ou por novos signos culturais. Ser vaqueiro é o fator constituinte de sua identidade, construída a partir da relação com a caatinga, o trato com os animais, os currais, as fazendas e a uma teia de relacionamentos formados em seu cotidiano, através das mudanças e permanências contidas na sua história e transferidas por gerações.

Referências:

ALEIXO, Aline Chelone Maia; CUNHA, Maria das Graças Campolina. **Identidade Territorial e (Re) significação do Festar**: observações cerca da festa de agosto em Montes Claros – MG – V Colóquio Internacional – 2 a 4 de Setembro de 2015.

Disponível:

<<http://www.coloquiointernacional.com/anais2015/gt04C/IDENTIDADE%20TERRITORIAL.pdf>>. Acesso: 17.jun.2016

CARVALHO, José Jorge de. **‘Espetacularização’ e ‘canibalização’ das culturas populares na América Latina.** Revista Antropológicas, ano 14, vol.21 (1): 39-76 (2010). Disponível em: <http://www.revista.ufpe.br/revistaanthropologicas/index.php/revista/article/viewFile/189/140>. Acessado em: 16/05/2016.

CASTRO, Janio Roque Barros de. **A espetacularização das festas juninas no espaço urbano como estratégia político-administrativa de promoção do turismo cultural no recôncavo baiano.** In: __ Anais do VI encontro de estudos multidisciplinares em cultura – ENECULT. Salvador (BA), 2010.

Sociabilidades – CIRS/CASO/CEFET. Natal, 2008.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**, Campanha de Canudos, 35ª edição- Francisco Alves Editora – RJ - 1995

FRANCO, Lara Assis. **Projeção e Formação Identitária do Vaqueiro no Município de Curaçá-BA**, 2013- Juazeiro-BA.

GARCIA, Tânia da Costa. **A folclorização do popular:** uma operação de resistência à mundialização da cultura, no Brasil dos anos 50*. Uberlândia, ed. ArtCultura,v. 12, n. 20, p. 7-22, jan.-jun. 2010. Disponível em: http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF20/t_garcia_20.pdf. Acessado: 29/10/2015.

HALL, Stuart. Pensando a Diáspora: Reflexões sobre a terra no exterior. In: __ **Da diáspora: Identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte, Editora UFMG, 2013. 2ª Ed.

LEONEL, M. C.; SEGATTO, J. A. **Euclides e Rosa entre sociologia e literatura.** 2007. Disponível: <http://www.acessa.com/gramsci/?page=visualizar&id=778>. Acessado: 22/03/2016

LOPES, Esmeraldo. **Caminhos de Curaçá.** Curaçá: Gráfica Franciscana, 2000. Disponível em <http://www.esmeraldolopes.com/arquivos/caminhosdecuraca.pdf>. Acessado em 29/10/2015.

SANTOS, Maria de Fátima de Souza; ALMEIDA Leda Maria de (org.). **Diálogos com a teoria das representações sociais.** Recife: Ed. Universitária da UFPE/Ed. Universitária da UFAL, 2005.



SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.